

# Influências de Portugal no Oriente



ISABEL LUIS MACHADO CARDOSO  
RICARDO

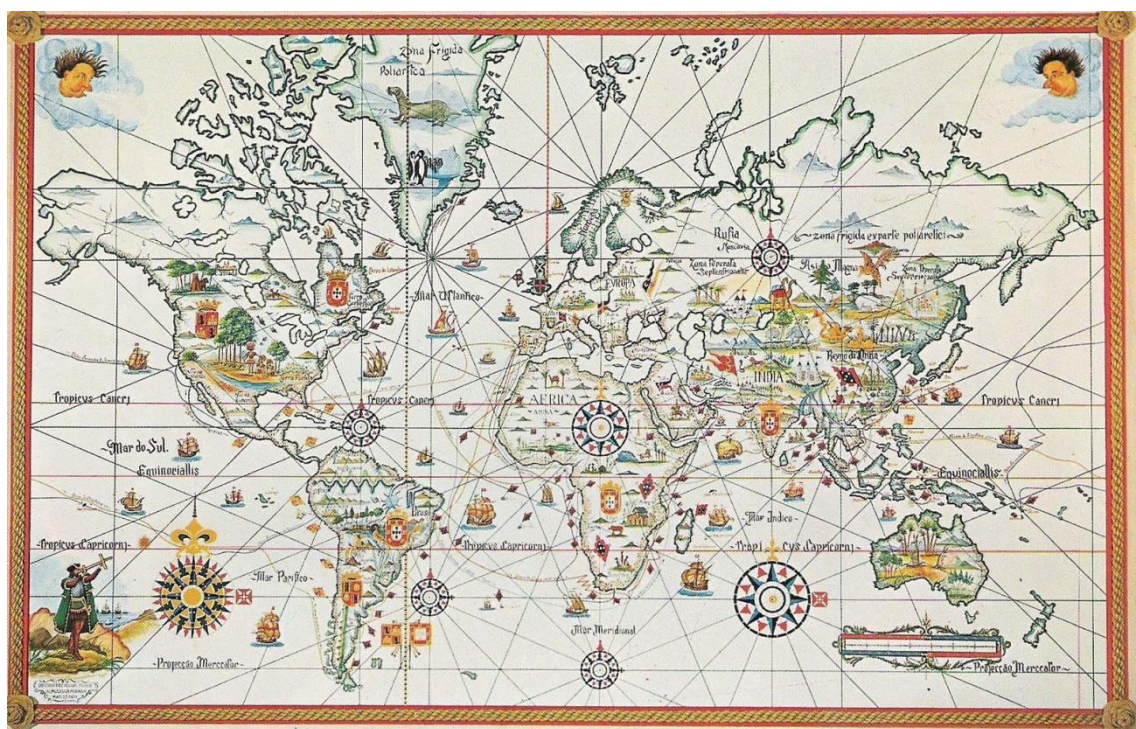


# Índice

Introdução.....	1
Influência portuguesa .....	3
Japão .....	3
Índia.....	7
Macau.....	10
Timor .....	12
Malaca .....	14
Outros países.....	16
Conclusão .....	17
Referências Bibliográficas .....	18



# Introdução



A influência de Portugal no Oriente não tem sido devidamente apreciada ou explorada na sua totalidade. Quando se fala na influência lusitana são muito mais comuns as menções dos feitos heroicos dos navegadores, capitães e governadores e do largo trato comercial do império. O império português é também criticado pela sua política de crueldade, intolerância e o seu zelo religioso, e geralmente pensa-se que a sua influência foi superficial e efémera.

No entanto, a verdade é que a ação civilizadora de Portugal nas suas antigas colónias e nos seus povos foi muito mais profunda e duradoura em vários sentidos, tanto que ainda se podem encontrar vestígios desse mesmo facto.

Nenhuma nação colonial teve menos egoísmo de raça e mais tendência à identificação com os indígenas do que a portuguesa. Para ajudar a manter a paz nas colónias, os portugueses fundiam-se com os indígenas de tal forma que ainda hoje existem em várias regiões asiáticas com grupos, mais ou menos numerosos, que se orgulham de serem descendentes dos primeiros civilizadores europeus, da denominação de portugueses e dos seus nomes e apelidos lusitanos.

O valor da ação civilizadora de Portugal é sobretudo evidente na influência que a língua portuguesa exerceu, e ainda exerce, em grande parte da Ásia. É natural que a língua do conquistador seja a língua oficial, e os indígenas se vejam na necessidade de a aprender e falar. Mas geralmente isto dura enquanto o país se encontra sob o domínio estrangeiro. Por exemplo, a Holanda dominou diversas partes da Índia, mas não deixou quase nenhuns vestígios da sua língua, a não ser uma ou outra palavra.

É também natural que os descendentes dos conquistadores continuem a usar, o idioma paterno, muito depois de cessar o domínio nacional, como acontece quanto ao português em Bengala, em Malaca e em Singapura.

A língua portuguesa teve uma grande expansão na Ásia nos séculos passados. Durante a época dos descobrimentos considerava-se que o português era a língua cristã por excelência e um indício de cultura europeia. Falava-se português, puro ou adaptado à língua do país em questão, por toda a Índia, na Malásia, no Sião, na China, em algumas partes do que na altura era a Pérsia, em algumas partes da Turquia e em Meca, entre outros lugares. E falavam-no não só os portugueses e os seus descendentes, mas hindus, maometanos, judeus, malaios, e os próprios europeus de outras nacionalidades, entre si e com os indígenas. Também o falavam os missionários holandeses nos seus domínios, e ainda hoje o empregam os ministros protestantes ingleses na ilha do Ceilão. Era, e foi durante muito tempo, a língua franca do Oriente. Hoje em dia, o português é falado especialmente em Timor-Leste, Goa e Damão na Índia, e Macau.

Mesmo que, um dia, a língua portuguesa e os seus falantes desapareçam completamente da Ásia, a influência ira manter-se através de certos dialetos e expressões nas várias línguas, assim como em alguns hábitos e objetos do dia-a-dia. Neste trabalho, salientarei as influências que penso que mais se acentuaram e perpetuaram na cultura dos respetivos países, assim como as que considero mais célebres.

# Influência portuguesa

## Japão



Em 1543, os Portugueses chegaram à ilha de Tanegashima, mais de 50 anos antes de os britânicos chegarem a Kyushu, sendo assim os primeiros europeus a estabelecerem contacto com o Japão. Embora nele nunca tenham tido nenhum tipo de soberania (tendo todas as interações sido de uma natureza comercial ou por via de missionários) durante o século XVI a influência portuguesa nesse país foi bastante grande.

Com os portugueses, principalmente missionários (através de escolas e seminários fundados pelos missionários jesuítas) e comerciantes, como foi referido anteriormente, os japoneses ganharam uma melhor noção da constituição do planeta, particularmente dos seus continentes, povos e oceanos. Os portugueses também transmitiram aos japoneses diversos produtos alimentares e de vestuário e técnicas de, por exemplo, metalurgia, construção naval, meios de navegação, matemática, geografia, engenharia, música, farmacêutica, medicina e novos estilos urbanísticos. Algumas noções de estética e estilos artísticos, como a pintura a óleo, também foram introduzidos no Japão graças aos portugueses, assim como o uso de relógios, óculos, vidro, espelhos e lã. A religião cristã também foi introduzida no Japão pelos portugueses, o que levou à conversão de muitos nativos.

Em termos de produtos e hábitos alimentares, foram introduzidas pelos portugueses novas espécies de animais e vegetais: Figueira, Pereira, Pessegueiro, Marmeleiro, Oliveira, Videira (para produção do vinho das cerimónias religiosas cristãs) e o hábito de criação e consumo de animais domésticos, como por exemplo a galinha, o pato, o coelho, etc.

No que toca ao vestuário, alguns aspetos das roupas portuguesas foram adaptadas pelos japoneses. Ainda existem influências do traje português da época em certas peças japonesas. A adoção do botão (botan, em japonês) e o uso da capa e do gibão (juban/jiban, em japonês) são exemplos disso.

Outros produtos e invenções que os japoneses também adaptaram foram, por exemplo espingardas e outras armas de fogo, e com elas o uso da pólvora. A introdução dessas armas por parte dos portugueses contribuíram para a unificação do país, provocando uma alteração das artes da guerra.

Foram também os missionários os responsáveis pela introdução da Tipografia. Em 1590 foi trazida para o Japão uma impressora com caracteres móveis. Os caracteres (blocos de madeira ou metal onde estão esculpidas ou fundidas as letras) também se passaram a produzir com caracteres japoneses e serviram para imprimir o primeiro dicionário de Japonês-Português (primeiro dicionário de japonês numa língua ocidental), as primeiras gramáticas de língua japonesa e trabalhos de carácter religioso. O primeiro livro em japonês a ser impresso foi “A Doutrina Cristã”, em 1591 em Amakusa.

Devido à interação entre os portugueses e os japoneses, em 1570 foi fundada a cidade de Nagasaki, com características únicas no panorama urbanístico do Japão. Embora o Japão seja bastante montanhoso, todas as cidades se estendem pelas poucas planícies existentes, com exceção de Nagasaki, uma cidade que nasceu das necessidades do comércio marítimo português, tendo sido a escolha da sua localização feita em função do seu porto.



A interação de ambos os povos, assim como a introdução de conceitos que os japoneses desconheciam, levou a que a língua portuguesa tivesse uma grande influência em algumas partes da língua japonesa. Para além da aprendizagem de português e latim por parte dos japoneses, algumas palavras portuguesas foram adotadas e adaptadas pelos japoneses. Alguns exemplos disto são arukōru (álcool), baterem (padre), biidoro (vidro), jouro (jarro), pan (pão), subeta (espada) e tabako (tabaco), entre muitos outros.

Apesar das influências da língua portuguesa à língua japonesa, algumas palavras que se pensam serem de origem portuguesa, na realidade não o são. Por exemplo, "arigato" não tem origem na expressão portuguesa "obrigado". Na realidade, "arigato" é a forma moderna do "arigatashi" do japonês arcaico que consiste da junção de "Ari" do verbo "Aru" (ser, estar, existir) e "Katashi" um adjetivo que significa dificuldade. A expressão tem origem da forma como os budistas louvavam as divindades, e agradeciam pelos ensinamentos budistas. Literalmente, a expressão quer dizer "Há dificuldade", algo como "Tenho dificuldade em expressar minha gratidão frente ao seu ato". Outra palavra que, ao contrário da crença popular de alguns, não provem do português é "ne". Em japonês, essa palavra é utilizada no final de uma frase para enfatizar o que acaba de ser dito. Em português, o "né" sendo uma contração da frase "Não é?" também serve esse mesmo propósito, o que levou muitas pessoas a pensar que a expressão portuguesa levou ao uso da japonesa. Contudo, é muito provável que seja apenas uma coincidência.

Uma das influências portuguesas no Japão que tem mais impacto nos dias de hoje foi o papel dos portugueses na invenção dos videojogos como forma de entretenimento caseiro. No século XVI, os portugueses levaram para o japão baralhos de cartas (em Portugal, estes, na altura, tinham um formato próprio), o que levou à criação de um baralho japonês, baseado no português e não no baralho comum. Em 1889, a empresa Nintendo era conhecida como Nintendo Koppai e era uma das maiores empresas no fabrico e distribuição de baralhos de cartas. Com a ilegalização do jogo no Japão, a empresa começou a explorar outras áreas de negócio, incluindo

videojogos em 1972. Sem a influência portuguesa, hoje em dia o mundo não teria todos os jogos e franchises populares criados pela Nintendo.

## India



Os portugueses foram o primeiro povo europeu a instalar-se na Índia, com a chegada de Vasco da Gama a Calecute em 1498. A intenção inicial dos portugueses era apenas estabelecer um domínio económico, tendo para isso criado feitorias em Cochim, Cananor, Couião, Cranganor, Tanor e Calecute. No entanto, devido à hostilidade de vários reinos indianos e de outros poderes (o grão-sultão do Cairo, a República de Veneza, o sultão de Cambaia e o samorim de Calecute), tendo-se todos aliado para os expulsar, acabaram por estabelecer um domínio, não apenas económico, mas também colonial e oficializado, fortificando as suas feitorias e criando um estado soberano em Goa, em 1512. Durante os quatro séculos seguintes, os portugueses passaram a controlar várias zonas da Índia, a maior parte das quais ao longo da costa ocidental, mas também a nordeste, em Bengala. Os portugueses contribuíram também para o comércio de novos objetos, a diversificação da flora e fauna e avanços na agricultura e nas indústrias.

Os territórios sob administração portuguesa (a que se juntaram Diu, em 1535, e Damão, em 1559) tomaram a designação de Estado Português da Índia. Os séculos XVI e XVII

foram a época áurea de Goa, que comandou um comércio florescente e chegou a ter privilégios administrativos semelhantes aos de Lisboa.

Durante o período em que os portugueses se estabeleceram na Índia, deu-se um fenómeno de aculturação, em que elementos da cultura europeia influenciaram (mas nunca chegaram a dominar) a cultura indiana e vice-versa. Além disso, os territórios dominados pelos portugueses tornaram-se importantes centros religiosos e culturais, tendo-se construído hospitais, igrejas (em Goa, por exemplo, restam ainda hoje a Igreja de Anjuna e a Igreja do Priorado do Rosário) e conventos e criado escolas.

Os portugueses tiveram uma grande influência nos seus territórios indianos, particularmente nas áreas da arte, arquitetura, gastronomia (tendo algumas dessas influências sobrevivido para fazer parte da tradição indiana nos dias de hoje), religião e na fomentação das ciências naturais e geográficas.

Talvez uma das maiores influências portuguesas na Índia tenha sido na parte religiosa. Goa foi a sede da organização religiosa na evangelização do Oriente, através da construção de colégios religiosos em grande quantidade. Esta mesma influência levou, de forma similar ao Japão, à conversão de muitos nativos ao cristianismo. Esse fenómeno deve-se ao uso da evangelização por parte dos portugueses como método de unificação das suas colónias e como método de validação e manutenção da sua influência nessas mesmas colónias. Devido à sua notoriedade e à influência crescente da religião cristã, muitos padres Jesuítas eram muitas vezes convidados para participar em cortes indianas, alguns dos quais eram portugueses. Para além disso, missionários jesuítas, franciscanos e de outras ordens religiosas estabeleceram-se em Goa já no século XVI, utilizada como centro para a difusão do catolicismo na Índia. Os colonizadores foram inicialmente tolerantes ao hinduísmo e outras religiões, mas a partir de 1560 a difusão do catolicismo foi reforçada pela chegada da inquisição a Goa.

Pode-se verificar também uma influência significativa dos portugueses na arte indiana, maioritariamente na arte sacra, embora essa influência também se encontre presente em outros campos artísticos. São de notar várias representações de figuras religiosas e representações de padres jesuítas tanto na escultura como na pintura.

Em termos arquitetónicos, os ocupantes portugueses tentaram recriar da melhor forma possível, o ambiente a que estavam habituados na Europa. Para este fim construíram vários edifícios em estilos muito utilizados na Europa. A sua arquitetura é talvez mais evidente na construção de igrejas como a Sé Catedral de Goa, a Igreja da Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de São Francisco de Assis e a Basílica do Bom Jesus.

Como já foi referido anteriormente, os portugueses tiveram também uma influência bastante acentuada no que toca à gastronomia indiana. Durante o seu período de ocupação da Índia, os portugueses deixaram a sua marca na cozinha indiana introduzindo novos ingredientes e produtos (incluindo malaguetas que levaram à criação do caril e outras especiarias, que hoje são encaradas como parte essencial da comida indiana) e pratos típicos de Portugal, que se foram adaptando às técnicas e gostos indianos. A influência foi mais fortemente sentida, naturalmente, em Goa. A culinária goesa tem muitas influências distintamente portuguesas, sendo um dos maiores exemplos disso um famoso prato goês, o porco vindaloo (um prato com origem no prato português “Carne de Vinha d’Alhos”), que é servido no Natal, Ano Novo e na Páscoa. Outro exemplo é a culinária de Mangalore (uma cidade na costa, mais a sul de Goa), que apresenta muitas semelhanças com a culinária goesa, particularmente, um prato com carne de porco comum a ambas é o sorpotel (ou sarapatel), originário da região do Alentejo em Portugal. Também se pode encontrar alguma influência portuguesa na cozinha de Bengala.

No que toca à língua portuguesa, esta teve pouca, se alguma, influência na língua Indiana. No entanto, ainda existem muitas famílias Indianas que adotaram nomes portugueses, e também se podem ver vários estabelecimentos com nomes portugueses.

## Macau



A presença portuguesa em Macau começou por ser apenas temporária, e além disso foi inicialmente estabelecida de forma ilegal, visto que os portugueses não tinham permissão das autoridades chinesas para lá permanecer. Os portugueses chegaram a Macau entre 1553 e 1554, sob o pretexto de secar a sua carga, no entanto as autoridades chinesas só em 1557 deram autorização para o estabelecimento oficial e permanente dos portugueses em Macau, concedendo-lhes um grau considerável de auto governação em troca do qual os portugueses foram obrigados a pagar um aluguer anual e alguns impostos a essas mesmas autoridades, que defendiam que Macau continuava a ser uma parte integrante do Império Chinês.

Desde que os portugueses assumiram um relativo controlo sobre Macau, a cidade desenvolveu-se como intermediário no comércio entre a China, o Japão e a Europa, numa época em que as autoridades chinesas tinham proibido o comércio direto com o Japão, uma proibição que durou mais de cem anos. Este comércio lucrativo trouxe muita prosperidade

para Macau. Devido a essa mesma prosperidade, Macau foi atacada várias vezes pelos Holandeses.

Devido à sua localização e notoriedade como posto comercial, Macau sofreu influências, não só de Portugal, mas também de vários outros países, tanto ocidentais como orientais. Como resultado, as influências portuguesas foram relativamente reduzidas, não tendo ido muito além da religião (por via, maioritariamente, dos missionários Jesuitas, muitos dos quais eram portugueses) e da língua.

Apesar de reduzidas, as influências portuguesas em Macau são, ainda assim, bastante visíveis. A influência religiosa, através da divulgação da igreja católica, ajudou a alastrar a influência portuguesa para outros campos como a arte e a arquitetura. Nestes campos, essa mesma influência encontra-se particularmente presente, à semelhança da Índia, na arte sacra e na arquitetura, particularmente em igrejas e outros edifícios religiosos, como por exemplo, a Catedral de São Paulo (da qual, depois de um incêndio, só resta a fachada sul), a Igreja de Santo António e a Sé Catedral de Macau. Além disso, várias ruas macaenses têm nomes portugueses, ou nomes de famosos portugueses (por exemplo, o jardim de Luís de Camões) e a por toda a cidade encontram-se informações e nomes de edifícios escritos tanto em macaense como em português.

Embora esta também tenha sido reduzida, a influência portuguesa também se fez sentir na gastronomia macaense. É possível que isto se deva ao facto de que as esposas macaenses dos portugueses (ou vice-versa), tentavam recriar comidas portuguesas com os ingredientes locais (principalmente os de origem chinesa), mas também com vários ingredientes de outros locais visitados pelos portugueses na altura dos descobrimentos, como por exemplo Malaca, Índia e Moçambique. São de destacar pratos como arroz gordo, cabidela de pato, chetnim de bacalhau e uma espécie de adaptação de feijoada. É também importante salientar que a massa que é usada por toda a China para fazer crepes, surgiu também com influência dos portugueses, tendo a sua origem na tradicional “massa tenra”.

## Timor



O que levou ao primeiro contacto português com a ilha de Timor, em 1514, foi a procura do sândalo. A presença lusitana foi enraizada com a missionação do franciscano António Taveira, em 1556 na ilha de Solor. Esta ilha foi a grande base da atividade missionária na região; a partir dela irradiou para as ilhas das Flores, Savu, Adunara e Timor. Em 1646 os portugueses edificam em Cupão (Kupang) uma fortaleza. Através da atuação dos missionários dominicanos, diversos Liurais convertidos ao cristianismo iam-se colocando sob a alçada do Poder português

Depois de Portugal se instalar oficialmente em Timor, a sua soberania sobre as ilhas de Solor e Timor, tal como noutras paragens, seria disputada durante os séculos seguintes com holandeses, espanhóis e ingleses. Diversas rebeliões e sublevações contra a Administração portuguesa ocorreram na primeira metade do século XVIII. Estas eram por norma instigadas pelos holandeses

Portugal não teve muitas influências em Timor Leste (a parte ocidental da ilha tratava-se de território holandês). À exceção de algumas influências arquitetónicas e a exposição dos timorenses à língua portuguesa, nada mais mudou em Timor com a presença lusitana.

A língua portuguesa penetrou na Ásia pela ação colonial e pela influência dos comerciantes e da ação missionária. O mesmo se verificou em Timor. Ao longo da presença



portuguesa a nossa língua nunca chegou a ser uma língua de comunicação oral, sendo em vez disso usada sobretudo como língua administrativa, clerical e de cultura, e poucas mais utilizações tinha para além dessas, excetuando talvez a sua utilização como meio de comunicação entre portugueses europeus que se encontrassem em Timor. Porém, a língua portuguesa ajudou a cimentar, e agiu como aglutinadora da identidade cultural entre todos os diferentes povos do Timor Oriental.

Apesar da intenção dos colonizadores para que a língua oficial fosse a portuguesa, este era (e ainda hoje é) compreendido por apenas uma pequena parte da população, geralmente de meia-idade ou idosa, e dificilmente entre os jovens. No entanto, depois do esforço do estado Português em reintroduzir a sua língua, a situação tem vindo a melhorar em tempos recentes: pensa-se que cerca de 12% a 14% da população de Timor Leste compreende e fala português.

Na arquitetura, também se pode considerar que a influência portuguesa foi muito reduzida, um pouco à semelhança de Macau e da Índia. O estilo arquitetónico usado pelos portugueses na construção de novos edifícios, pode quase ser considerada básica, tendo como finalidade a imitação e recriação dos edifícios que os portugueses estavam habituados a encontrar, não só em Portugal, mas também em muitas outras partes da Europa.

Devido às dificuldades e às frequentes revoltas do povo timorense contra os portugueses (a maior parte das quais instigada pelos holandeses), é possível que esta escolha de arquitetura se deva a uma tentativa de auxiliar a adaptação, ou pelo menos minimizar a alienação (melhorando assim a moral) dos governantes portugueses em Timor, assim como de outros portugueses europeus que, por motivos de trabalho ou outras obrigações, teriam de viver em Timor. No entanto, na minha pesquisa, não encontrei nenhuma confirmação dessa possibilidade, tratando-se apenas, segundo a minha opinião, de uma teoria.

Não se encontram muitos exemplos da arquitetura portuguesa em Timor, não só devido às razões apresentadas anteriormente, e devido também à prática portuguesa de reaproveitamento de alguns edifícios indígenas timorenses. Estão apenas disponíveis como exemplo alguns monumentos em Dili (capital de Timor), como o Monumento à Nossa Senhora, o Monumento ao Infante D. Henrique, o Monumento à Reconstrução de Timor e o Monumento ao Engenheiro Artur de Canto Rezende, entre poucos outros.

## Malaca



Os portugueses chegaram a Malaca, uma pequena região da Malásia, em 1511, quando Afonso de Albuquerque zarpu para lá de Goa. Malaca tornou-se uma base estratégica para a expansão portuguesa nas Índias Orientais, subordinada ao Estado Português da Índia. A partir de então os casamentos entre portugueses e locais foram encorajados por D. Afonso de Albuquerque. Uma carta do rei de Portugal assegurava a alforria e isenção de impostos aos portugueses "casados", que casassem em Malaca. Os casamentos mistos prosperaram sob este estímulo, registando-se cerca de 200 em 1604. O contacto com Portugal terminou em 1641 quando os holandeses derrotaram os portugueses e capturaram Malaca, contudo as relações comerciais permaneceram com o entreposto de Macau, perdurando até à atualidade.

Devido à ocupação dos holandeses e a sua subsequente perseguição dos portugueses, assim como toda a destruição de qualquer vestígio da sua ocupação, muito pouco resta das influências arquitetónicas portuguesas em Malaca. Os únicos exemplos que sobreviveram foram as ruínas da igreja da Madre de Deus e a Porta de

Santiago (conhecida como a Famosa, ou "Kota A Famosa"), sendo esta tudo o que resta da Fortaleza de Malaca.

A influência portuguesa em Malaca, embora pouco conhecida pelo mundo e pouco falada na nossa história, foi tão forte que levou à criação de toda uma comunidade de luso-descendentes nessa pequena região (originalmente constituída por, pescadores), a comunidade cristang.

A comunidade cristang é uma pequena comunidade de Malaca, situada no chamado "bairro português" (ou Kampong Portugis), com origem em antepassados portugueses. Esta comunidade fala a língua cristang, um crioulo de base portuguesa, sendo que "cristang" significa "cristão" nesta língua, e a comunidade em si é sempre referida como portuguesa pelos outros malaios.

Mesmo depois de os contactos com Portugal cessarem em 1641, a comunidade cristang preservou as suas tradições, religião e língua, mantendo muitas surpreendentes semelhanças culturais e linguísticas com Portugal atual, mais especificamente com a região do Minho. Por exemplo, a comunidade cristang organiza ranchos folclóricos com danças e trajes tradicionais portugueses, ou pelo menos a interpretação dos mesmos que restou na memória malaia, que pode não ser tão semelhante à tradição portuguesa como os locais pensam. No entanto, a língua cristang não é ensinada nas escolas e está em vias extinção, visto que é usada apenas por esta comunidade.

Sendo a comunidade maioritariamente constituída por católicos praticantes, muitos serviços religiosos são ainda celebrados em português e feriados religiosos como o Natal, o dia de Dão João (San Juang) a 24 de Junho, hoje uma das maiores atrações turísticas de Malaca, e festividades dedicadas a São Pedro, santo padroeiro dos pescadores, a 29 de Junho.

Muitos membros da comunidade cristang orgulham-se muito das suas origens portuguesas e usam ainda hoje apelidos portugueses como Monteiro, Fernandes e Mascarenhas. Além dos nomes, algumas palavras portuguesas foram adaptadas pela língua malaia, como por exemplo kereta (carreta, "carro"), sekolah (escola), bendera (bandeira), mentega (manteiga), keju (queijo), meja (mesa) e nenas (ananás).

# Outros países



Embora durante a época dos descobrimentos os portugueses tenham marcado presença em muitos outros países, a maior parte dos quais já foram mencionados na introdução deste trabalho, durante a minha pesquisa, infelizmente, não consegui recolher nenhuma informação sobre a sua influência nesses mesmos países. No entanto, achei pertinente mencionar, embora brevemente, o exemplo da Turquia.

Os portugueses não tiveram uma presença de todo importante na Turquia, excetuando alguns postos de comércio. Não tiveram influência quase nenhuma nesse país, no entanto, achei importante salientar um facto pouco conhecido e interessante: a palavra portuguesa “armada”, que significa “conjunto dos navios e tropas de mar de uma nação”, foi adaptada pelos turcos para a sua própria língua, visto que não tinham nenhuma palavra própria da sua língua para essa definição.

# Conclusão



Com a realização deste trabalho tive a oportunidade, através de uma pesquisa o mais extensa possível, de ter uma noção mais aprofundada da influência, importância e riqueza do nosso país, em tempos.

Por infeliz que seja que poucos se lembrem, ou até se interessem, pela marca que Portugal foi deixando no mundo, penso que pode servir de consolo a qualquer português saber que, por muito que possamos (ou não) dispersarmos-nos pelo mundo ou ficar esquecidos no tempo, uma parte da nossa nação e da grandeza que tivemos, em particular na época dos descobrimentos, vai se perdurar para sempre um pouco por todo o mundo, através de diversas culturas.

Os exemplos que dei neste trabalho não são, de maneira alguma, os únicos. Muitos mais exemplos da influência lusitana podem ser encontrados, não só no Oriente, como um pouco por todo o mundo. Tendo tudo isso em conta, independentemente do que o futuro possa trazer à nossa cultura e ao nosso país, a nossa marca foi deixada em todo o mundo, quer este se aperceba ou não.

# Referências Bibliográficas

- Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia\\_da\\_India\\_portuguesa#.C3.81sia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Geografia_da_India_portuguesa#.C3.81sia)
- Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Palavras\\_japonesas\\_de\\_origem\\_portuguesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Palavras_japonesas_de_origem_portuguesa)
- Disponível em <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-influencia-portuguesa-no-japao>
- Disponível em <https://pt.globalvoices.org/2014/04/12/a-influencia-portuguesa-na-cozinha-indiana/>
- Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado\\_da\\_India](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_da_India)
- Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$india-portuguesa](http://www.infopedia.pt/$india-portuguesa)
- Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Timor\\_Portugu%C3%AAs](https://pt.wikipedia.org/wiki/Timor_Portugu%C3%AAs)
- GARCIA, Francisco. Disponível em [http://triplov.com/miguel\\_garcia/timor/portug.html](http://triplov.com/miguel_garcia/timor/portug.html)
- Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macau#Hist%C3%B3ria>
- Disponível em <http://rcl.com.sapo.pt/malaca.html>